OPINIÕES SOBRE UM TEMA — TEATRO

Aveiro, 31 de Agosto de 1968 * Ano XIV * N.º 721

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo • Administrador — Alfredo da Costa Santos • Proprietários — David Cristo e Francisco Santos
Redacção, Administração, Compos. e Impres. na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sarg. Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

«O DIÁRIO DE ANNE FRANK» PELO CETA

JORGE SARABANDO MOREIRA

NÃO pensem os leitores que vou apresentar uma crítica de teatro. É necessária uma longa preparação, cimentada por uma experiência viva, para exercer o estudo cuidado que a peça de Goodrich e Hackett exige. Antes ofereço uma simples apreciação dos aspectos gerais que tocam mais de perto o espectador comum, em atinência às funções do teatro numa sociedade em constante mutação e às responsabilidades dum jovem que não se demite de conhecer (para intervir) o mundo em que vive.

Porque a questão continua a ser esta (e quem a pretender ignorar está a iludir-se a si próprio): transformarmos o mundo ou acomodarmo-nos a ele. Idênticas responsabilidades competem (e não esqueçamos Brecht) ao actor e ao espectador. Fundamentalmente, se o primeiro dá corpo à personagem, o segundo dá-lhe o sentido; mas a ambos compete tornar viva a peça, incluí-la num processo mais lato e profundo que visa a modificar as estruturas duma sociedade, ao alterar, imolar, ferir, escandalizar, animar, romper, substituir, todo um velho mundo apodrecido, que nos inculca o espírito da passividade e do imobilismo.

Poderei, aos olhos dos catedráticos das verdades feitas, estar a adulterar a «vera essência da arte de Talma». Se assim for, espero que tenham a honestidade de mo apontar.

A) — É função dum grupo experimental de teatro criar um público, educá-lo, enriquecê-lo, denunciando inibições, descobrindo frustrações, evidenciando qualidades, desenvolvendo aptidões, dinamizando, em suma, o esforço criador e o espírito crítico. Um público amorfo como o nosso, que não exige, e não se devota a qualquer actividade cultural, como reflexo das suas mais autênticas necessidades e aspirações, pode fazer su-

Continua na página três

AVEIRO EM FOCO NO MUNDO DOS SELOS

Como os meios publicitários amplamente anunciaram, realizou-se no Funchal, de 17 a 24 do corrente, a segunda LUBRAPEX, importantíssimo certame filatélico luso-brasileiro com organização bienal, já sobejamente creditado no vasto mundo do coleccionamento.

Em 1966, foi seu palco o Rio de Janeiro: logo ali Morais Calado arrancou o «Grande Prémio do Brasil para Portugal», onde também sua filha, Túlia Cândida, alcançou uma «Medalha de Bronze».

Pois este ano Aveiro, pelos filatelistas do glorioso CLUBE DOS GALITOS, marcaram, no Funchal, posição de incontestável relevo: «Medalha de Ouro» para um Estudo sobre a História dos Correios, de José da Purificação Morais Calado; «Medalha de Vermeil» para a Colecção especializada de Clássicos de Portugal, do Eng.º Paulo Seabra Ferreira; «Medalha de Vermeil» para uma Temática, de Jorge Alberto Outeiro de

Continua na página quatro

ARTUR FINO

Ainda sobre Teatro de Bolso

MOVIMENTOS DESENCONTRADOS

«O homem é responsável pela paisagem e seu principal modelador; mas não se poderá modelar aquilo que não se ama e não se ama aquilo que não se conhece» — Ribeiro Telles

POR força das circunstâncias, intrometi-me (se intromissão se pode chamar) em querelas que, ao fim e ao cabo, me proporcionaram a verificação de muita futilidade, muita vacuidade, muita esterilidade. E muito despeito também. Apesar de alguma coisa acertada, predominaram os joguinhos de pressupostos, ardis mesquinhos, orgulhos feridos, vaidades transparentes, piruetas habilidosas, «verdades» elásticas, reflexões *muito ponderadas*, ensaios hipotèticamente atentos, explosões orientadas, circunspecção senil, adivinhação, formulações tendenciosas, afirmações «ingénuas», egocentrismo, etc., etc.

A minha «culpa» cifrou-se a uma intervenção, em resposta a *formidáveis* considerações do senhor Bartolomeu Conde. E nada mais. Tudo quanto escrevi (e bastante foi) sobre o famigerado «caso» do Teatro de Bolso, foi anterior ao primeiro artigo daquele senhor. Reduzida contribuição, portanto, no conjunto polémico de articulistas vários.

Meti a minha colherada. Pois. Mas uma só vez. E nada me ocorre rectificar ao que aí ficou dito. Pelo contrário, os factos vieram, posteriormente, confirmar tudo quanto afirmei. Consciente, porém, da minha «participação» nessa luta de processos tão diversos — cujo movimento, apesar de tudo, algumas virtudes potenciais conteve —, é fundamental que, *reconhecido o meu «erro»*, venha

Continua na página dois

CONVERSA SOBRE TEATRO AMADOR

O TEATRO DE TAVAREDE

BARTOLOMEU CONDE

VISITÁMOS num dia destes o Teatro de Tavarede, um belo prédio que a Fundação Gulbenkian ajudou a restaurar e ampliar, há meia dúzia de anos, numa obra que orçou por 800 contos.

Coisa jeitosa este edifício onde está instalada a Sociedade de Instrução Tavaredense. Não foi necessário dizermos que éramos do CETA para sermos gentilmente recebidos. O sr. Lopes, que é dirigente, e o sr. António Jorge, que foi até há pouco um dos elementos mais evidentes do teatro local, serviram-nos de cicerones.

Instalações magníficas, decentíssimas em questões de higiene e comodidade, tudo escrupulosamente limpo (pareceu-nos até escovado!), com um salão para espectáculos, de óptima acústica, com lugar para trezentas e tal pessoas, um palco amplo, amplo e alto, dotado duma excelente urdidura para manejo de cenários e um bem ordenado arquivo cenográfico. Por toda a parte ordem, limpeza, carolice, dedicação a rodos!

Teatro-paradigma em tudo!

Não encontrámos — que pena —, como era nosso desejo, esse grande paladino do teatro tavaredense, o encenador Sr. José Ribeiro.

Homens de teatro amador,

Continua na página três

A pergunta de Pinto da Costa no antecedente número do Litoral
— ONDE HÁ GALOS NÃO CANTAM GALINHAS?
responde A. Torres:

CADA CABEÇA... SUA SENTENÇA

COORDENAÇÃO DE PINTO DA COSTA

A *«Questão Prévia», de Alípio Ribeiro, acerca de um regionalismo inconsequente, bem como a «Nota da Redacção» sobre um artigo de Amadeu de Sousa, publicados no último número do LITORAL, resumem todo um programa de acção em que a palavra «aveirismo» ganha a forma de um móbil animado de certa força viva, como se diz em linguagem médico-legal. Acrescentaríamos que o termo «aveirismo» toma (ou retoma) aqui, não já o carácter duma palavra-chavão, espécie de abre-te-césamo de aclamações orais e palmares, mas a forma da tal palavra-objecto, em si mesma actuante e apontada ao futuro, de que fala Júlio Henriques no seu escrito sobre «Poesia de Raspão».*

E de raspão quisemos nós ouvir alguns «cagaréus natos», dando-lhes, por momentos, a certeza de que as vontades e os dinheiros municipais tudo fariam para erguer o sonho ou os sonhos acalentados de há muito nos bate-papos de esquina ou mesa de café. A bem da Casa Aveirense *e das suas gentes...*

As respostas aqui ficam uma vez mais, na expressão genuína de quem é apanhado de surpresa e logo depois abre a boca ou dá largas ao bico de uma esferográfica para duas palavras escritas apressadamente sobre o joelho.

Apressada, o pé no estribo para umas curtas férias no Douro, foi também a pergunta que a todos formulámos:

— SE LHE FOSSE DADO LEVAR A EFEITO UM EMPREENDIMENTO, QUAL A

Continua na página dois

TÁXIS AÉREOS

Já neste jornal se disse, em informações municipais: a Câmara de Aveiro pensa na localização dum aeródromo para futuro serviço de táxis aéreos. Uma circunstância histórica local concede especial relevância ao problema: Aveiro foi um dos primeiros concelhos do País — há meio século, precisamente no último ano da primeira Guerra Mundial — a possuir instalações aeronáuticas: um campo de emergência, de que deveria surgir a base aérea que já teve como patrono o nome glorioso de Gago Coutinho — hoje prosaicamente referenciada por um simples número Mas a história não basta para justificar um empreendimento... em que apenas se pensa; e dizemos assim porque a Edilidade deliberou que o assunto ficasse «para estudo». Ora o que importa é considerar, e desde já, a importância da realização e a oportunidade de a concretizar. Por isso somos do seguinte parecer: o caso não deve ser relegado para data indeterminada — já que as facilidades de comunicação de que Aveiro dispõe, aliás muito relativas, em breve estarão ultrapassadas pela maior celeridade dos modernos meios de transporte.

Movimentos desencontrados

Continuação da primeira página

aflorar, numa dimensão *novamente* construtiva, o problema latente duma necessidade que roça os limites da exasperação. Problemática determinante duma conjuntura que «exige» solução imediata, num conceito de imediatismo absoluto, produto duma situação insustentável: a carência dum Teatro de Bolso para o Círculo de Teatro de Aveiro. Portanto, retorno ao Teatro de Bolso. *Puxando a brasa para a minha sardinha*, já que não faço segredo da minha posição de cetista.

É intoxicado pela poluição de resíduos poeirentos de *desinteressados* valores, que declaro insuportável a permanência no 16 da Rua das Marinhas. Permanência que se deve à «teimosia» de alguns e ao derrotismo implícito noutros: aqueles que só lá vão ver *como param as modas* por desfastio e quando não têm mais que fazer. Os que superficialmente afirmam que se pode muito bem continuar naquela «triste miséria» dum condicionalismo atroz.

Como transpareceram de alguns artigos laivos de *ignorância* ingénua, urge lançar mais uma achega elucidativa, a esta necessidade palpável que é o Teatro de Bolso.

Assim, olhos postos numa realidade significativa, é evidentemente sobranceria menosprezar a sua indiscutibilidade, já que o Teatro, como expressão «literária», isto é, como meio de difusão da poética e da narrativa, foi ultrapassado—«absorvido», tal como a arte plástica figurativa em relação à fotografia? —pelo advento da Imprensa. Porque o escritor encontrou aí um meio mais eficaz de «pôr» ao corrente das suas prosas e poesias um público cada vez mais engolfado na febrilidade da vida dos nossos dias. Não é apenas este, contudo, o motivo fundamental posto na origem deste problema. Outros elementos contribuem decisivamente para uma situação que, sem ser de descrença, se materializou na escassa influência e eficácia do nosso teatro, no que se entende como essencial e decisivo para a preparação cultural e educativa dum povo.

Estas e outras razões explicam, talvez, o declínio natural (como influenciável) desta arte que, durante tanto tempo e até quase aos nossos dias, manteve uma função incontroversa (que em muitos países do extremo oriente se mantém ainda triunfante), uma posição predominantemente activa e proficua.

Esfumadas que estão quase todas as virtualidades iniciais, mágicas, rituais e até misteriosas do teatro, é necessàriamente imperioso criar novo impulso formativo, cujas constantes impliquem na imediata expressividade doutras formas de teatralização, que alcancem o influxo dum reencontro com o público.

É para isso (ou devia ser) que—no meu entender—existem os grupos experimentais, cuja missão, para além da função educacional e cultural, se *exige* seja—hoje mais que nunca — experimental. Experimental até na procura de soluções que conquistem a adesão, a comunhão, a aceitação do público, só possível pelo contacto directo, quase carnal.

Caímos assim (nós, do CETA e demais grupos similares) na necessidade duma procura de meios quase oficinal, experimentalista, na espacialidade teatral. Uma exigência renovadora sobrevém, não apenas estética, mas também psicológica.

Em face desta obrigatoriedade, desta lei prospectiva, chamemos-lhe assim, uma nova «máquina» deve ser montada. Tem que ser montada; para que se não mergulhe definitivamente na esterilidade de um mundo ilusório, que muitos persistem em convencionar como válido; para que se possa restituir ao teatro todas as suas virtualidades.

Impõe-se uma modificação na orgânica teatral, uma nova dimensão, que inclusivamente termine com a concepção do espectador dócil, meramente «decorativo», dignificando-o.

É isto que històricamente se exige. E não antevejo outro caminho para a solução destas equações que não seja o Teatro de Bolso. Única forma, para já, capaz de evitar a fragmentação do fenómeno teatral; de cumprir, numa consecução contínua, uma programação racionalizada, reagrupada de toda a sua potencialidade humana.

Um Teatro de Bolso.

Um Teatro de Bolso—grite-se!

ARTUR FINO

Posição da Cooperativa

Tenho uma casa, da 4.ª classe, com n.º inferior a 150; vende-se pelo capital dispendido que são cerca de 30 000$00. Assunto urgente. Escrever ao Apartado 11 — Mealhada.

Cada cabeça... sua sentença

Continuação da primeira página

COISA QUE MAIS DESEJARIA PARA AVEIRO?

UM JORNALISTA

Seja! Mas, paradoxalmente, a resposta tem que se lhe diga... Respeitasse ao mundo, redarguiríamos com uma única palavra, simples, radiosa, de três letras apenas. Agora, acerca de Aveiro, do torrão natal-torrão de açúcar... Deixe lá ver, porém! Casas de renda barata, acessíveis a toda a gente? Uma assistência médico-social eficiente, na doença, na invalidez e na velhice? Instrução fecunda e gratuita nos seus diversos graus? Creches e parques infantis abertos a todas as crianças, a Humanidade de amanhã? Um vasto logradouro, emoldurado de salinas, onde a população, nomeadamente a de débeis recursos, pudesse, com frequência, oxigenando-se e iodando-se, nadar, velejar, remar ou... descansar? Uma boa biblioteca pública, rica de laudas vivas e pobre de folhas mortas? Terrenos acessíveis às magras bolsas, para que muitos conseguissem, corporizando um legitimo sonho, construir a sua casa? Recintos de desporto, incluindo piscinas, quase sem bancadas, onde fosse mais gostoso ser praticante do que espectador? Salas de convívio, galerias para exposições, anfiteatros para conferências e concertos, teatros de bolso? Modernização do actual complexo de pontes, dado algumas serem já deficientes para o trânsito intensivo e outras exigirem uma conservação por assim dizer constante e, daí, anti-económica? Prosaicamente, a conclusão da aliás fundamental rede de esgotos? Árvores embelezadoras por essas ruas e praças? Para já, um comezinho «ferry-boat» entre a Barra e S. Jacinto, entre as duas grandes metades da ria maravilhosa, fulcro de turismo? Condigno aformoseamento dos barços da ria e inerentes margens, de modo a justificar-se amplamente, rigorosamente, a sugestiva designação de «cidade dos canais»? Um parque de campismo, e não faltam locais admiráveis para o efeito? Debate sem peias, construtivo, desassombrado e necessàriamente leal em torno da urbanização da cidade? Conclusão, sem delongas, das primordiais obras portuárias? Merecido aproveitamento turístico-desportivo do Rio Novo do Príncipe, de edénica beleza e outrora farto de uma tantas espécies piscícolas? Acessos mais práticos e aformoseados à cidade, progressivo centro económico e promissor centro de turismo? A resposta, constitui, não há dúvida, e como sói dizer-se, um bico de obra. Olhe! para não frigir muito os miolos, talvez engendrasse como que um sorteio. Pediria emprestada uma velha e pavoneante cartola, vulgo caneco, meteria lá dentro estas e outras dúvidas da mesma igualha, e tiraria à sorte...

UM EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

Antes de mais nada, a efectivação de muitos e muitos projectos em tempo anunciados no próprio jornal a que se destina o meu depoimento: Ponte de S. Jacinto, espectáculos para crianças, o retorno à actividade do Cine Clube de Aveiro, e a Sede do Clube dos Galitos, claro está. Principalmente os empreendimentos a que dou o título de cadáveres adiados, como a exposição de cerâmica aveirense, etc., etc. Com mais vagar, dar-lhe-ia uma relação de tudo quanto uma cidade progressiva necessita. Mas diga lá que a coisa que eu mais desejo para Aveiro é a concretização pura e simples do muito que se prometeu fazer e continua na pasta de assuntos pendentes. Como diz?... É realmente uma questão de método. Lá no escritório é o que faço: primeiro dou andamento ao serviço atrasado e só depois lanço mão do expediente da manhã. Contradição?!... (Em pânico): Não me diga que vai pôr tudo o que eu disse no LITORAL?... Ora deixe ver... (Leitura do rascunho. Pausa): Terá razão, sim senhor, mas um atraso de vinte e quatro horas não é o mesmo que um atraso de vinte e quatro meses... (Triunfante): Ponha lá isso também, não se esqueça!...

UM ENGRAXADOR

Casas de renda barata, pois não querem cá pobres em Aveiro. Só na última morada... E muitas escolas para não se amontoarem as crianças umas em cima das outras. Como umas têm aulas de manhã e outras à tarde, deve haver falta de espaço... E também uma piscina em condições, numa cidade onde há tantas possibilidades para isso...

Três coisas, afinal... além da fada que pusesse tudo isto de pé, mas já não há fadas em Aveiro, nem lobisomens, nem bruxas. Como a *bruxa* ando eu!...

UM COMERCIANTE

Ora, ora... o meu amigo é de bom tempo! Quem lhe encomendou o sermão que lhe pague... Bem me basta abrir os cordões à bolsa para tudo, quanto mais dar opinião sobre as obras!... Isso é lá com os técnicos... Se sou aveirense? Claro que sou. Olhe: ponha aí que o que nós queremos é o Beira-Mar na primeira divisão. O comércio e a cidade ganharão com isso... E as tais obras...

PINTO DA COSTA

O Teatro de Tavarede

Continuação da primeira página

é de teatro amador que falam. E assim as perguntas surgiram:

José Ribeiro, dizem, não gosta de entrevistas!

— Não gosta, não senhor. Nem quere o nome dele nos programas! É daquele feitio. Não cultiva a vaidade. O valor dum homem, diz ele, está no seu trabalho! *E, depois, num desabafo:* quando ele não puder estar à frente disto, vai ser um sarilho. Onde vamos nós encontrar um homem como ele?!

Quantas peças levam à cena por ano?

— Umas três ou quatro. E com elas fazemos dezenas de espectáculos, uns cá, outros fora, é assim. Cá, então, é sempre casa cheia. Até gente da Figueira vem! E de Lisboa... o sr. Anahory está cá sempre caído!

O povo corresponde a todos os espectáculos, mesmo àqueles de mais difícil mensagem?

— Seja o «Amor de Perdição» ou qualquer peça clássica. Ainda agora, no «Dente por Dente» de Shakespeare, sempre casa à cunha! Até vamos repetir este mês!

É um público admirável!

— Foi assim acostumado. São cinquenta anos! Vêm ao teatro e, se não compreendem à primeira, voltam segunda vez, voltam sempre. Não damos cinema, sabe, e... o povo acostumou-se a isto, agora não quere outra coisa. De resto quase toda Tavarede passou pelo palco e todos têm, por isso, uma boa formação para serem espectadores conscientes. Não acha?

Por que não têm concorrido ao Concurso do Teatro Amador?

— Fomos lá uma vez, salvo erro em 1959. Mas não voltámos. Porquê? Sabe, o concurso não premeia um trabalho em profundidade como é o da nossa Sociedade, apenas premeia o êxito de momento, isto é, uma circunstância especial e ocasional de êxito. Ora isto, aproveitado por artistas menos escrupulosos, pode dar origem a mistificações e oportunismos! Gera confusão...

Receberam, alguma vez, prémios em dinheiro?

— Recebemos alguns troféus. E também dinheiro, sim senhor. Em Lisboa, quando lá fomos à final, na primeira e única vez que concorremos, houve prémios em dinheiro.

Para a colectividade ou para os artistas?

(Sorriu-se...)

Nós aqui somos amadores e nenhum de nós está à espera de receber um tostão que seja de prémios individuais. É tudo para a colectividade. Que pensariam de nós, se assim não procedêssemos? Por exemplo: os diplomas distribuídos aos artistas vão para a galeria da Sociedade, assim como os troféus! E o dinheiro que recebemos vai inteirinho para a colectividade. Nem se compreendia doutra forma!...

Mas quando há perda de salário, por qualquer deslocação, a Sociedade indemniza, não é assim?

Não, não. Acho que não. Andei aqui 30 anos e nunca isso se deu. Então quem vem para estas coisas não sabe que tem de perder tempo?... e outras coisas! A gente faz isto por amor, e onde há amor há sacrifício... está bem de ver!

Manifestou-se alguma vez «vedetismo» num ou noutro artista, isto é, na hora da necessidade, o artista fazer-se caro e ameaçar que não vai «se»... ou só vai «se», etc.?

— Nunca isso aconteceu, que eu me lembre. Era melhor! Olhe, estes (*e apontou umas molduras*) foram os melhores artistas do nosso grupo: são os «broeiros». Foram incansáveis. Eram doutra época. Os tempos mudaram; mas, mesmo assim, ainda temos «carolas», como a Violinda, que conta mais de 50 anos de actividade no nosso teatro. E sempre igual, sempre humilde, sem «peneiras» — e que talento! Lisboa levantou-se para a aplaudir. É uma artista fantástica. Olhe, essa nem tocou no dinheiro que ganhou em Lisboa... Queimava-lhe as mãos. Que ideia! Que ideia! Deu-o à colectividade...

•

E o lusco-fusco foi-se chegando. Andar de motoreta pela noite dentro não é agradável. Pus-me ao fresco. De abalada, fui-me recordando de todas estas coisas que vi à pressa, dos camarins, do salão nobre, das centenas de fotografias, algumas amareladas pelo tempo, de gente que ao longo de meio século vem construindo anònimamente, sem espalhafatos, na mais pura ética de amadorismo, o relicário artístico que é o Teatro de Tavarede. Sumário sublime de cinquenta anos de cena aberta!

E como a viagem era longa, eu pensei em muita coisa.

Como seria bom, bom em todos os sentidos, que todos os amadores bebessem na «Fonte de Tavarede» a água cristalina da humildade, do bem-servir, de *como se faz um público*, sem propagandas exibicionistas, de como se ergue um monumento, começando do nada, abrindo caboucos, carregando às costas pinheiros, amassando a cal (não é verdade José Neto?) e endireitando paredes! Sim! que o Teatro de Tavarede não caiu do céu, veio da mão do homem, sem ultimatos, foi nascendo naturalmente, ao longo de meio século, por obra e graça dos homens do palco, pela sua total doação.

Em Tavarede não se fazem «mostras de teatro», nem se «coleccionam lombadas de livros» para impressionar. Lá há «procura porque há oferta»; o teatro naquela aldeia nem é «esporádico», nem «ocasional», nem «infrequente», nem «nulo». É permanente, porque brota do Povo, porque foi semeado no Povo! O resto são lérias de café!

BARTOLOMEU CONDE

«O Diário de Anne Frank»

Continuação da primeira página

por um desinteresse para o qual se torna inútil qualquer esforço nesse sentido. Quando não! — existem numerosas potencialidades que se torna imperioso despertar e desenvolver; o próprio passado cultural da cidade não nos desmente, pois avultam as iniciativas que só a aceitação e adesão dum largo público permitiriam concretizarem-se. O contrário seria admitir que o povo «petrificou», o sangue coagulou. O que não deixa, em parte, de ser verdade. E, por isto mesmo, incumbe-nos uma mais pesada tarefa, que, para além de tudo, tem de romper a rotina e quebrar a sonolência que sobre todos nós pesa, e, inevitàvelmente, entrar em conflito (denunciando-os, pelo menos), com os condicionalismos que estão por detrás deste verdadeiro hermetismo cultural.

É significativo que a representação da peça «O Diário de Anne Frank», em 22 do corrente, no *Aveirense*, pouco mais conseguisse atrair do que os parentes e amigos dos elementos da equipa que a levou à cena. Culpas: de um público desinteressado por isto e por tudo, além do futebol e outros ópios; do hermetismo e atomismo que caracterizam a nossa actividade cultural; e do CETA. Pois reputo indispensável que, além da simples representação duma peça, se tome uma série de iniciativas a ela concernentes, visando abrir o trabalho, criar uma base sólida, alargar um público. A realização de um ou dois colóquios com o fim de esclarecer a peça representada (como tem vindo a fazer o CITAC e, noutro campo, o *Clube de Cinema de Coimbra*); a edição dum boletim em que se concedesse a oportunidade aos sócios de explanarem as suas opiniões, exercerem crítica, divulgarem estudos mais específicos, publicarem antologias de bom teatro, criando no público o gosto pelo teatro e um critério mais esclarecido; promover um ciclo de conferências, abertas ao público, sobre história e estética de teatro; editar peças escritas por sócios; fomentar a leitura através duma Feira do Livro de Teatro, são várias iniciativas que dariam outra projecção à corajosa obra que o CETA se propôs realizar.

B) — O que na peça mais nos chocou foi a pouca ou nenhuma convicção da maioria dos intérpretes. A leveza, o tom feérico, a fatuidade, que alguns davam às suas intervenções, não concediam qualquer autenticidade à sua presença no palco, ao mesmo tempo que inutilizavam um clima denso que por vezes se conseguiu criar. De sublinhar: os momentos parados, como o da prolongada e insignificativa dança entre Anne e seu pai, ou no próprio início, quando o sr. Otto Frank entra na sala comum, não se consegue dar o tom trágico que Júlio Catarino, no final, com uma beleza carregada de intensidade, dá ao choro da frustração de todas as esperanças, um futuro que deixa de ter significado; os compassos de espera, a discussão, por exemplo, que se segue à descoberta do «ladrão do pão», entre Edith Frank e seu marido, não tem calor, não tem emotividade, pois nem as vozes se entrecruzam (e daqui os silêncios falsos), nem denotam a urgência e a crueldade que reveste a decisão; a voz uniforme, monótona, sem pausas, como se se recitasse uma ladaínha, esbatia o significado de algumas frases e diálogos — foi este, de resto, o único defeito que encontrámos na linear interpretação de M. Leonor Rino. Queremos, por fim, destacar a interpretação de Artur Fino que, nas suas breves intervenções, nos dá imediatamente a imagem nítida de Van Daan; e Júlio Henriques que, demonstrando uma perfeita ambientação, quando não identificação com a personagem representada, consegue, mesmo em silêncio, uma expressividade capaz de suscitar adesão e participação de qualquer espectador. Uma nota francamente negativa: a sr.ª Van Daan mostra-se sempre «fora das situações» e, além de partilhar de todos os defeitos apontados, revela não ter compreendido as intenções do encenador, e, muito menos, o que é mais grave, o próprio sentido do drama de Anne Frank. Ainda um problema, respeitante à encenação: parece-nos pouco expressiva e realista. Talvez fosse preferível simplificar o cenário, desistido do rigor com que se adequa ao texto; por outro lado, se se conseguisse um confronto, ao vivo, entre a imponência e brutalidade dos soldados nazis e a fragilidade e ternura (a crença no futuro...) de Anne Frank, tornar-se-ia mais claro o sentido do seu drama — drama que sentimos repetir-se em cada um de nós.

JORGE SARABANDO MOREIRA

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	NETO
Domingo	MOURA
2.ª feira	CENTRAL
3.ª feira	MODERNA
4.ª feira	ALA
5.ª feira	M. CALADO
6.ª feira	AVENIDA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi aprovado um auto de medição de trabalhos da obra de «Construção do edifício destinado à Repartição de Finanças, Tesouraria da Fazenda Pública, Serviços de Turismo, Biblioteca e Serviços Culturais», para efeito de pagamento à firma empreiteira, na importância de 160 224$30.

● Foi submetido à aprovação superior o anteprojecto para a construção do grupo escolar das Cardadeiras, no núcleo de Esgueira, destinado a substituir as actuais instalações que, além de antiquadas, são manifestamente insuficientes.

● Foi deliberado sugerir superiormente o nome de Elias Pereira para patrono da Escola Preparatória do Ensino Secundário, a criar neste concelho.

● Foi aprovado um auto de medição de trabalhos da obra de construção civil da empreitada de «Construção do Matadouro Regional de Aveiro», para efeito de pagamento à firma adjudicatária, na importância de 328 969$20.

● A Câmara, por solicitação da Direcção dos Serviços de Melhoramentos Urbanos, emitiu parecer sobre o «Anteplano Director do Cordão Litoral Norte da Ria de Aveiro», elaborado no Gabinete do Plano Regional de Aveiro.

● Foram apreciados 68 processos de obras, que mereceram os seguintes despachos: 50 deferimentos, 13 informações, 1, de aguardar, e 4 indeferimentos.

● O sr. Presidente deslocou-se a Lisboa, no dia 19, a fim de assistir aos actos de posse dos novos membros do Governo; e, no dia 25, pelas 12 horas, procedeu à inauguração das obras de pavimentação de arruamentos em Mataduços e Alumieira, recentemente concluídas, cujo custo atingiu 620 000$00, e para os quais os moradores naqueles lugares contribuíram com 96 700$00.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Saiu a público o n.º 134 (relativo aos meses de Abril, Maio e Junho do corrente ano) do «Arquivo do Distrito de Aveiro», prestimosa publicação que, ao longo de mais de três décadas, tem firmado créditos duma real utilidade *e duma* seriedade *ímpares, a imporem-se como paradigma — nem sempre (infelizmente) aproveitado.*

História e historiografia são actividades por demais complexas para que possam abandonar-se a pretensões ou conveniências de circunstância e, muito menos, a improvisadas orientações; requerem aquela preparação e aquele honesto e desinteressado carinho de que dão exemplo os Drs. Rocha Madahil, Ferreira Neves e Pereira Tavares, fundadores e directores do «Arquivo», os quais, sem alardes, pacientemente — e proficientemente —, têm consolidado uma obra hoje imprescindível ao sério conhecimento dos temas aveirenses.

É este o sumário do presente número:

«Fernando Caldeira (1841-1894) — Considerações marginais», pelo Dr. Cruz Malpique; «Integração da estátua de tipo arcaico, vulgarmente conhecida por *Menino-Jardim,* na colecção escultórica do Museu de Arte de Aveiro», pelo Dr. Rocha Madahil; «D. Frei Caetano Brandão», pelo Dr. José Pereira Tavares; «Apontamentos para a história do Pinheiro da Bemposta — O Relatório do prior Pedro Rodrigues Arede (1767--1799) acerca da igreja e freguesia», pelo Dr. Bernardo Xavier Coutinho; e «O distrito de Aveiro nas habitações do Santo Ofício», pelo Dr. Jorge Hugo Pires de Lima.

A CIDADE

TRÂNSITO NO CENTRO DA CIDADE

Em consequência dos trabalhos em curso no pavimento da Rua de Coimbra, Praça da República e de um troço da Rua dos Combatentes da Grande Guerra, está interrompido o trânsito por aquelas artérias, pelo que o acesso ao centro da cidade, no sentido descendente, se efectua pela Rua do Batalhão de Caçadores Dez.

Na zona da Ponte-Praça, foram há pouco substituídas as placas de trânsito aí existentes por placas e sinais luminosos — medida que, ao que julgamos saber, irá repetir-se noutros pontos da cidade.

ENG.º CARLOS RIBEIRO

O sr. Eng.º Carlos Ribeiro, nascido no Distrito de Aveiro e antigo e distinto aluno do nosso Liceu, que, durante dez anos, sobraçou a pasta das Comunicações, foi nomeado para as elevadas funções de Correio-Mor, lugar cimeiro na hierarquia dos C. T. T.

A cerimónia da posse, a que presidiu o sr. Eng.º Canto Moniz, novo Ministro das Comunicações, realizou-se, há dias, em Lisboa.

OPERAÇÃO «STOP»

A Secção de Espinho e o Posto de S. João da Madeira da P. S. P. de Aveiro levaram a efeito nova operação «stop», durante a qual inspeccionaram 1 474 veículos.

Foram levantados nove autos, por transgressões diversas, e efectuaram-se duas prisões, por condução ilegal de viaturas automóveis.

PRELADO DA DIOCESE

Tem estado ausente da cidade, onde regressará nos começos do próximo mês, o venerando Bispo de Aveiro, sr. D. Manuel de Almeida Trindade. Por esse motivo, não se realizaram, últimamente, as habituais audiências na Residência Episcopal.

TEATRO AVEIRENSE

Terminado o período de férias anualmente concedido pelo Teatro Aveirense ao seu pessoal, recomeçam amanhã de tarde as sessões cinematográficas nesta conceituada casa de espectáculos, cumprindo-se o programa que tornamos público noutro lugar deste jornal.

PESCA DO BACALHAU

No sábado, proveniente dos bancos da Terra Nova e da Gronelândia, entrou a nossa barra o navio «Foz do Mondego», da *Empresa de Pesca Lusitânia,* da Figueira da Foz, com cerca de vinte mil quintais de bacalhau.

Na terça-feira, seguiu para aqueles pesqueiros, na sua segunda viagem deste ano, o arrastão «Santa Isabel», da *Empresa de Pesca de Aveiro.*

ACIDENTES DE VIAÇÃO

CICLOMOTORISTA ATROPELADO MORTALMENTE NA GAFANHA

No último sábado, cerca das 19 horas, no entroncamento situado perto da ponte da Gafanha, perdeu a vida o sr. Mário Correia de Miranda, de 56 anos, natural e residente em S. João de Loure, que se dirigia para esta cidade, num ciclomotor.

Vindo da Gafanha, ao entrar na estrada para Aveiro, foi atropelado e projectado a distância por uma camioneta, conduzida pelo sr. Manuel de Jesus da Rocha Hipólito, residente em Cabecinhas (Vagos), que viajava com seu filho, sr. Carlos da Rocha Hipólito.

O carro pesado, para evitar um embate, colheu aquele ciclomotorista e saiu do leito da estrada, caindo nuns terrenos próximos, de nível mais baixo, pouco sofrendo os seus ocupantes.

Prontamente conduzido ao Hospital de Santa Joana Princesa, o sr. Mário Correia de Miranda chegou ali sem vida.

O saudoso extinto, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Celeste de Melo Miranda, foi devotado e competente mestre e regente da Banda de Música de S. João de Loure, e, após algum tempo de ausência nas Américas, exercia agora — e já há alguns anos — idênticas funções na Banda de Música de Pinheiro.

CICLOMOTORISTA COLHIDO POR UMA CAMIONETA

Deu entrada no mesmo hospital, gravemente ferido, o sr. António Alves de Pinho, de 29 anos, residente em Angeja, que, quando seguia de motorizada, fora colhido pela camioneta MI-89-28, conduzida pedo sr. Manuel Lopes António, morador em Arruda dos Vinhos.

CRIANÇA COLHIDA POR UM TRACTOR

Em estado grave, deu entrada no Hospital de Santa Joana Princesa o menor, de 3 anos, Carlos Alberto de Almeida Macedo, filho do sr. João dos Santos Macedo e da sr.ª D. Aurora de Almeida Marques, residentes na Póvoa do Valado.

O petiz fora colhido pelo rodado de um tractor conduzido pelo sr. Belmiro Fernandes Vieira, também ali residente.

SENHORA MORTA NO EMBATE DUMA «SCOOTER» COM UM MURO

Na terça-feira, depois de passarem uns dias de férias em Lisboa, com pessoas de família, regressavam a Aveiro, numa «scooter», o sr. Armando Marques Nunes, de 32 anos, carpinteiro, e sua esposa, sr.ª D. Maria Cecília Martins Bastos, de 28, residentes na Forca.

Na estrada da Tocha, quando intentava proceder à ultrapassagem de uma furgoneta, o «scooterista» embateu nesse veículo e, despistando-se, foi chocar violentamente contra um muro.

Conduzidos ao Hospital de Cantanhede, a sr.ª D. Maria Cecília chegou já morta, sendo o seu corpo removido para a casa mortuária daquele estabelecimento; seu marido — com fractura de crânio e outros ferimentos de gravidade —, depois dos primeiros socorros, foi transferido para o Hospital de Santa Joana Princesa, onde ficou internado, ainda se encontrando em perigo de vida.

Do infortunado casal há dois filhos menores, uma menina de 7 anos e um rapazinho de apenas 3 anos.

Cartaz dos Espectáculos

CINE-TEATRO AVENIDA

Sábado, 31 — às 21.30 horas

EU VI A MORTE — Um filme espanhol de homenagem ao famoso toureiro Manolete, com António Bienvenida, Antonita Império e Álvaro Romero e Luis Miguel Dominguin.

Para maiores de 12 anos

Domingo, 1 de Setembro — às 15.30 e às 21.30 horas

WILL PENNY — Uma película americana, em *Technicolor,* com Charlton Heston, Jean Hackett e Donald Pleasence.

Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 5 — às 21.30 horas

EM BUSCA DA VERDADE — Um filme com Harriet Anderson, Gunnard Ajornstrand e Max Von Sydon.

Para maiores de 17 anos.

AVEIRO EM FOCO NO MUNDO DOS SELOS

Continuação da primeira página

Sousa Carneiro; «Medalha de Prata» para outra Temática, do aveirense, radicado em Luanda, Augusto Vieira Decroock; «Medalha de Prata» para o Estudo sobre Marcas Postais, de Túlia Cândida Alves de Morais Calado.

Estes significativos êxitos de aveirenses, alcançados numa competição em que participaram nada menos do que 115 consagrados filatelistas, autorizaram Morais Calado — defensão, sempre na brecha, dos pergaminhos de Aveiro (e pròximamente aqui diremos até que ponto e com que coragem!...) — a aventar a candidatura da nossa cidade para a realização da LUBRAPEX-72, sugestão que mereceu o aplauso da autorizada assembleia filatélica que se reuniu no Funchal. E sucedeu que Américo Tozzini, reputado jornalista, filatelista e industrial de S. Paulo, agora também «Medalha de Prata» com uma aliciante Temática sobre as Olimpíadas de Tóquio, — e que esta semana esteve em Aveiro, em retribuição da visita de Morais Calado àquela grande cidade brasileira — foi um dos mais entusiastas patrocinadores da realização nestas paragens da Ria da LUBRAPEX-72. Disse-nos ele: «Cá estaremos, se Deus quiser, daqui a quatro anos! Aveiro, linda terra de grandes filatelistas, merece a presença dos grandes filatelistas! Isto mesmo o proclamarei na Imprensa do Brasil!»

«SELOS & MOEDAS»

Está em distribuição o n.º 23 da excelente revista «Selos & Moedas», publicação trimestral editada pela prestigiosa *Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos.*

A «SEREIA» TOCOU...

No dia 21, cerca das 15 horas, manifestou-se um incêndio na propriedade agrícola do sr. João Soares de Azevedo, em Cacia, tendo as chamas devorado duas medas de palha e parte de uma carroça, morrendo ainda uma suína que se espantou com o sinistro e fugiu do curral, onde deixou alguns leitões.

A pronta e eficaz intenvenção dos bombeiros da «Celulose», a seguir coadjuvados por elementos das corporações desta cidade, evitou que o fogo se propagasse à habitação daquele lavrador e que o sinistro causasse maiores prejuízos.

CAÇA ÀS CODORNIZES

Em edital agora tornado público, a Comissão Venatória Regional do Centro, de acordo com um despacho da Secretaria de Estado da Agricultura, estabeleceu que a caça às codornizes pode ser praticada a partir de 20 de Setembro próximo e fixou as áreas em que é permitido caçar.

Só é lícito caçar a quem se encontre munido da «carta de caçador» (exigível a partir de 14 de Outubro) ou de licença de caça.

Antes da época geral da caça (15 de Outubro), na caça às codornizes não poderão ser utilizados cães pertencentes a qualquer das raças de galgos coelheiros ou seus cruzamentos, mas apenas cães «de parar».

Todas as informações serão punidas nos termos da Lei.

FALECEU:

DR. ADELINO SIMÃO LEAL

Tendo acamado há cerca de mês e meio, faleceu, ao começo da tarde do dia 21 do corrente, na sua residência da Rua de Antónia Rodrigues, em Aveiro, o sr. Dr. Adelino Augusto Simão da Fonseca Leal. Haveria de vitimá-lo, um tanto inesperadamente, uma hemorragia interna.

O sr. Dr. Simão Leal, que contava 82 anos de idade, radicou-se em Aveiro em 1917, para aqui exercer o cargo de notário público, funções em que sempre se revelou escrupuloso e competente. Reformou-se em 1956, deixando na classe, e em quantos com ele privavam, a aura de um nome exemplarmente respeitável. De trato afável, fàcilmente conquistou amigos nesta cidade, em que viveu durante mais de meio século.

Natural de Bouça-Cova, concelho de Pinhel, fazia parte de uma das famílias mais numerosas e conceituadas da Beira-Alta: era um dos doze irmãos dum venerando casal beirão, dos quais três ainda vivem — uma irmã, com 80 anos, o Cónego Simão, com 87, e o sr. Francisco José Simão, com 89.

Enviuvara há muito o saudoso extinto, que era pai do nosso amigo Alberto Dias Simão Leal, marido da sr.ª D. Maria das Dores Migueis de Matos; e, entre cerca dos seus sessenta sobrinhos, conta-se o nosso distinto colaborador prof. José Duarte Simão, casado com a sr.ª D. Maria da Luz Carvalho Simão.

À família em luto os pêsames do Litoral

cartões de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 31 — *A sr.ª D. Conceição Coelho Vera-Cruz, esposa do sr. José Maria da Silva Vera-Cruz, e os srs. José Conde de Carvalho, João Gomes Canelas e António Adérito Brás Coelho da Silva.*

Amanhã, 1 — *As sr.as D. Maria Silvina Monteiro Simaria, prof.ª D. Norbinda de Melo Picado e D. Maria Filomena Sobreiro Vidal.*

Em 2 — *A sr.ª D. Rosária Caldeira Brás Leite Pais, esposa do sr. Manuel Ferreira Leite Pais, o sr. António Gonçalves Andias, e as meninas Maria Fernanda, filha do sr. Horácio Oliveira das Neves, e Maria de Fátima, filha do sr. José de Jesus Carvalho.*

Em 3 — *As sr.as D. Maria Luísa do Resgate Marques França Mendes, esposa do sr. Carlos Marques Mendes, D. Maria Isabel Freire Leite, esposa do sr. Henrique Jorge Cândido Marques Figueiredo de Almeida, e D. Maria Fernanda Contente, esposa do sr. António Pimentel Monteiro, os srs. Fernando da Ascensão Soares e António José Vagos da Silva Justiça, e as meninas Maria Isabel, filha do sr. Albino Roque, e Maria Fernanda, filha do sr. Capitão José Barata Freire de Lima.*

Em 4 — *A sr.ª D. Maria da Purificação Maia Casimiro, esposa do sr. Agnelo Casimiro da Silva, os srs. Joaquim Humberto Gamelas Costa e João Manuel Martins de Melo, a menina Maria Isabel, filha do sr. Diamantino Vieira Caniço, e o menino António Emanuel, filho do sr. Emílio da Silva Campos.*

Em 5 — *Os srs. Eduardo Cerqueira e Joaquim José Leiria.*

Em 6 — *As sr.as D. Maria Alice de Morais Sarmento, esposa do sr. Fernando Gamelas Matias, e D. Anadápia da Apresentação de Jesus Gonçalves, os srs. Luís Ferreira da Graça, Humberto Jorge Mendes Leal, José Manuel Vicente da Silva Freire e Coronel Américo Reboredo de Sampaio, e as meninas Maria da Luz Duarte de Oliveira e Rosa Orquídia, filha do sr. João dos Santos Baptista.*

ZÉ PENICHEIRO

Seguiu para Paris, onde vai executar a decoração dos stands da representação nacional de calçado na «Semaine International du Cuir», o nosso dedicado amigo e apreciado colaborador artístico Zé Penicheiro.

DE FÉRIAS

● *Do Algarve, onde estiveram em gozo de merecidas férias, regressaram já a Aveiro, onde residem, a sr.ª Dr.ª Maria Natércia Bentes Grade Duarte Rodrigues e seu marido o advogado nesta comarca sr. Dr. Ilídio Duarte Rodrigues.*

● *Na Albufeira encontra-se, com sua família, o ilustre causídico aveirense sr. Dr. Álvaro Neves.*

● *Está presentemente a descansar em Aveiro, sua terra natal, o nosso amigo José Maria Saraiva da Fonseca, funcionário corporativo, em serviço na capital, e distinto tenor.*

DOENTES

● *Esteve em tratamento, no Hospital de Santa Joana Princesa, o nosso bom amigo sr. António Luís Morais da Cunha, Director do «Teatro Aveirense» e sócio-gerente da firma Alberto Rosa, L.da, agora em franca convalescença.*

● *Tem sentido boas melhoras dos seus padecimentos o sr. Henrique Manuel Pinho Mendes Nunes da Silva, de Cacia.*

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento

Aniversário Natalício

No dia da passagem do trigésimo sétimo aniversário natalício da sr.ª D. Alice Moreira dos Santos Roldão, seu marido e seus filhos vêm expressar-lhe os melhores desejos de felicidades e de muitos anos de vida.

A CIDADE

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi aprovado um auto de medição de trabalhos da obra de «Construção do edifício destinado à Repartição de Finanças, Tesouraria da Fazenda Pública, Serviços de Turismo, Biblioteca e Serviços Culturais», para efeito de pagamento à firma empreiteira, na importância de 160 224$30.

● Foi submetido à aprovação superior o anteprojecto para a construção do grupo escolar das Cardadeiras, no núcleo de Esgueira, destinado a substituir as actuais instalações que, além de antiquadas, são manifestamente insuficientes.

● Foi deliberado sugerir superiormente o nome de Elias Pereira para patrono da Escola Preparatória do Ensino Secundário, a criar neste concelho.

● Foi aprovado um auto de medição de trabalhos da obra de construção civil da empreitada de «Construção do Matadouro Regional de Aveiro», para efeito de pagamento à firma adjudicatária, na importância de 328 969$20.

● A Câmara, por solicitação da Direcção dos Serviços de Melhoramentos Urbanos, emitiu parecer sobre o «Anteplano Director do Cordão Litoral Norte da Ria de Aveiro», elaborado no Gabinete do Plano Regional de Aveiro.

● Foram apreciados 68 processos de obras, que mereceram os seguintes despachos: 50 deferimentos, 13 informações, 1, de aguardar, e 4 indeferimentos.

● O sr. Presidente deslocou-se a Lisboa, no dia 19, a fim de assistir aos actos de posse dos novos membros do Governo; e, no dia 25, pelas 12 horas, procedeu à inauguração das obras de pavimentação de arruamentos em Mataduços e Alumieira, recentemente concluídas, cujo custo atingiu 620 000$00, e para os quais os moradores naqueles lugares contribuíram com 96 700$00.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Saiu a público o n.º 134 (relativo aos meses de Abril, Maio e Junho do corrente ano) do «Arquivo do Distrito de Aveiro», prestimosa publicação que, ao longo de mais de três décadas, tem firmado créditos duma real utilidade *e duma* seriedade *ímpares, a impor-em-se como paradigma — nem sempre (infelizmente) aproveitado.*

História e historiografia são actividades por demais complexas para que possam abandonar-se a pretensões ou conveniências de circunstância e, muito menos, a improvisadas orientações; requerem aquela preparação e aquele honesto e desinteressado carinho de que dão exemplo os Drs. Rocha Madahil, Ferreira Neves e Pereira Tavares, fundadores e directores do «Arquivo», os quais, sem alardes, pacientemente — e proficientemente —, têm consolidado uma obra hoje imprescindível ao sério conhecimento dos temas aveirenses.

É este o sumário do presente número:

«Fernando Caldeira (1841-1894) — Considerações marginais», pelo Dr. Cruz Malpique; «Integração da estátua de tipo arcaico, vulgarmente conhecida por *Menino-Jardim*, na colecção escultórica do Museu de Arte de Aveiro», pelo Dr. Rocha Madahil; «D. Frei Caetano Brandão», pelo Dr. José Pereira Tavares; «Apontamentos para a história do Pinheiro da Bemposta — O Relatório do prior Pedro Rodrigues Arede (1767-1799) acerca da igreja e freguesia», pelo Dr. Bernardo Xavier Coutinho; e «O distrito de Aveiro nas habitações do Santo Ofício», pelo Dr. Jorge Hugo Pires de Lima.

TRÂNSITO NO CENTRO DA CIDADE

Em consequência dos trabalhos em curso no pavimento da Rua de Coimbra, Praça da República e de um troço da Rua dos Combatentes da Grande Guerra, está interrompido o trânsito por aquelas artérias, pelo que o acesso ao centro da cidade, no sentido descendente, se efectua pela Rua do Batalhão de Caçadores Dez.

Na zona da Ponte-Praça, foram há pouco substituídas as placas de trânsito aí existentes por placas e sinais luminosos — medida que, ao que julgamos saber, irá repetir-se noutros pontos da cidade.

ENG.º CARLOS RIBEIRO

O sr. Eng.º Carlos Ribeiro, nascido no Distrito de Aveiro e antigo e distinto aluno do nosso Liceu, que, durante dez anos, sobraçou a pasta das Comunicações, foi nomeado para as elevadas funções de Correio-Mor, lugar cimeiro na hierarquia dos C. T. T.

A cerimónia da posse, a que presidiu o sr. Eng.º Canto Moniz, novo Ministro das Comunicações, realizou-se, há dias, em Lisboa.

OPERAÇÃO «STOP»

A Secção de Espinho e o Posto de S. João da Madeira da P. S. P. de Aveiro levaram a efeito nova operação «stop», durante a qual inspeccionaram 1 474 veículos.

Foram levantados nove autos, por transgressões diversas, e efectuaram-se duas prisões, por condução ilegal de viaturas automóveis.

PRELADO DA DIOCESE

Tem estado ausente da cidade, onde regressará nos começos do próximo mês, o venerando Bispo de Aveiro, sr. D. Manuel de Almeida Trindade. Por esse motivo, não se realizaram, ùltimamente, as habituais audiências na Residência Episcopal.

TEATRO AVEIRENSE

Terminado o período de férias anualmente concedido pelo Teatro Aveirense ao seu pessoal, recomeçam amanhã de tarde as sessões cinematográficas nesta conceituada casa de espectáculos, cumprindo-se o programa que tornamos público noutro lugar deste jornal.

PESCA DO BACALHAU

No sábado, proveniente dos bancos da Terra Nova e da Gronelândia, entrou a nossa barra o navio «Foz do Mondego», da *Empresa de Pesca Lusitânia*, da Figueira da Foz, com cerca de vinte mil quintais de bacalhau.

Na terça-feira, seguiu para aqueles pesqueiros, na sua segunda viagem deste ano, o arrastão «Santa Isabel», da *Empresa de Pesca de Aveiro*.

ACIDENTES DE VIAÇÃO

CICLOMOTORISTA ATROPELADO MORTALMENTE NA GAFANHA

No último sábado, cerca das 19 horas, no entroncamento situado perto da ponte da Gafanha, perdeu a vida o sr. Mário Correia de Miranda, de 56 anos, natural e residente em S. João de Loure, que se dirigia para esta cidade, num ciclomotor.

Vindo da Gafanha, ao entrar na estrada para Aveiro, foi atropelado e projectado a distância por uma camioneta, conduzida pelo sr. Manuel de Jesus da Rocha Hipólito, residente em Cabecinhas (Vagos), que viajava com seu filho, sr. Carlos da Rocha Hipólito.

O carro pesado, para evitar um embate, colheu aquele ciclomotorista e saiu do leito da estrada, caindo nuns terrenos próximos, de nível mais baixo, pouco sofrendo os seus ocupantes.

Prontamente conduzido ao Hospital de Santa Joana Princesa, o sr. Mário Correia de Miranda chegou ali sem vida.

O saudoso extinto, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Celeste de Melo Miranda, foi devotado e competente mestre e regente da Banda de Música de S. João de Loure, e, após algum tempo de ausência nas Américas, exercia agora — e já há alguns anos — idênticas funções na Banda de Música de Pinheiro.

CICLOMOTORISTA COLHIDO POR UMA CAMIONETA

Deu entrada no mesmo hospital, gravemente ferido, o sr. António Alves de Pinho, de 29 anos, residente em Angeja, que, quando seguia de motorizada, fora colhido pela camioneta MI-89-28, conduzida pedo sr. Manuel Lopes António, morador em Arruda dos Vinhos.

CRIANÇA COLHIDA POR UM TRACTOR

Em estado grave, deu entrada no Hospital de Santa Joana Princesa o menor, de 3 anos, Carlos Alberto de Almeida Macedo, filho do sr. João dos Santos Macedo e da sr.ª D. Aurora de Almeida Marques, residentes na Póvoa do Valado.

O petiz fora colhido pelo rodado de um tractor conduzido pelo sr. Belmiro Fernandes Vieira, também ali residente.

SENHORA MORTA NO EMBATE DUMA «SCOOTER» COM UM MURO

Na terça-feira, depois de passarem uns dias de férias em Lisboa, com pessoas de família, regressavam a Aveiro, numa «scooter», o sr. Armando Marques Nunes, de 32 anos, carpinteiro, e sua esposa, sr.ª D. Maria Cecília Martins Bastos, de 28, residentes na Forca.

Na estrada da Tocha, quando intentava proceder à ultrapassagem de uma furgoneta, o «scooterista» embateu nesse veículo e, despistando-se, foi chocar violentamente contra um muro.

Conduzidos ao Hospital de Cantanhede, a sr.ª D. Maria Cecília chegou já morta, sendo o seu corpo removido para a casa mortuária daquele estabelecimento; seu marido — com fractura de crânio e outros ferimentos de gravidade —, depois dos primeiros socorros, foi transferido para o Hospital de Santa Joana Princesa, onde ficou internado, ainda se encontrando em perigo de vida.

Do infortunado casal há dois filhos menores, uma menina de 7 anos e um rapazinho de apenas 3 anos.

AVEIRO EM FOCO NO MUNDO DOS SELOS

Continuação da primeira página

Sousa Carneiro; «Medalha de Prata» para outra Temática, do aveirense, radicado em Luanda, Augusto Vieira Decroock; «Medalha de Prata» para o Estudo sobre Marcas Postais, de Túlia Cândida Alves de Morais Calado.

Estes significativos êxitos de aveirenses, alcançados numa competição em que participaram nada menos do que 115 consagrados filatelistas, autorizaram Morais Calado — defensão, sempre na brecha, dos pergaminhos de Aveiro (e pròximamente aqui diremos até que ponto e com que coragem!...) — a aventar a candidatura da nossa cidade para a realização da LUBRAPEX-72, sugestão que mereceu o aplauso da autorizada assembleia filatélica que se reuniu no Funchal. E sucedeu que Américo Tozzini, reputado jornalista, filatelista e industrial de S. Paulo, agora também «Medalha de Prata» com uma aliciante Temática sobre as Olimpíadas de Tóquio, — e que esta semana esteve em Aveiro, em retribuição da visita de Morais Calado àquela grande cidade brasileira — foi um dos mais entusiastas patrocinadores da realização nestas paragens da Ria da LUBRAPEX-72. Disse-nos ele: «Cá estaremos, se Deus quiser, daqui a quatro anos! Aveiro, linda terra de grandes filatelistas, merece a presença dos grandes filatelistas! Isto mesmo o proclamarei na Imprensa do Brasil!»

Cartaz dos Espectáculos

CINE-TEATRO AVENIDA

Sábado, 31 — às 21.30 horas

EU VI A MORTE — Um filme espanhol de homenagem ao famoso toureiro Manolete, com António Bienvenida, Antonita Império e Álvaro Romero e Luis Miguel Dominguin.

Para maiores de 12 anos

Domingo, 1 de Setembro — às 15.30 e às 21.30 horas

WILL PENNY — Uma película americana, em *Technicolor*, com Charlton Heston, Jean Hackett e Donald Pleasence.

Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 5 — às 21.30 horas

EM BUSCA DA VERDADE — Um filme com Harriet Anderson, Gunnard Ajornstrand e Max Von Sydon.

Para maiores de 17 anos.

«SELOS & MOEDAS»

Está em distribuição o n.º 23 da excelente revista «Selos & Moedas», publicação trimestral editada pela prestigiosa *Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos*.

A «SEREIA» TOCOU...

No dia 21, cerca das 15 horas, manifestou-se um incêndio na propriedade agrícola do sr. João Soares de Azevedo, em Cacia, tendo as chamas devorado duas medas de palha e parte de uma carroça, morrendo ainda uma suína que se espantou com o sinistro e fugiu do curral, onde deixou alguns leitões.

A pronta e eficaz intenvenção dos bombeiros da «Celulose», a seguir coadjuvados por elementos das corporações desta cidade, evitou que o fogo se propagasse à habitação daquele lavrador e que o sinistro causasse maiores prejuízos.

CAÇA ÀS CODORNIZES

Em edital agora tornado público, a Comissão Venatória Regional do Centro, de acordo com um despacho da Secretaria de Estado da Agricultura, estabeleceu que a caça às codornizes pode ser praticada a partir de 20 de Setembro próximo e fixou as áreas em que é permitido caçar.

Só é lícito caçar a quem se encontre munido da «carta de caçador» (exigível a partir de 14 de Outubro) ou de licença de caça.

Antes da época geral da caça (15 de Outubro), na caça às codornizes não poderão ser utilizados cães pertencentes a qualquer das raças de galgos coelheiros ou seus cruzamentos, mas apenas cães «de parar».

Todas as informações serão punidas nos termos da Lei.

FALECEU:

DR. ADELINO SIMÃO LEAL

Tendo acamado há cerca de mês e meio, faleceu, ao começo da tarde do dia 21 do corrente, na sua residência da Rua de Antónia Rodrigues, em Aveiro, o sr. Dr. Adelino Augusto Simão da Fonseca Leal. Haveria de vitimá-lo, um tanto inesperadamente, uma hemorragia interna.

O sr. Dr. Simão Leal, que contava 82 anos de idade, radicou-se em Aveiro em 1917, para aqui exercer o cargo de notário público, funções em que sempre se revelou escrupuloso e competente. Reformou-se em 1956, deixando na classe, e em quantos com ele privavam, a aura de um nome exemplarmente respeitável. De trato afável, fàcilmente conquistou amigos nesta cidade, em que viveu durante mais de meio século.

Natural de Bouça-Cova, concelho de Pinhel, fazia parte de uma das famílias mais numerosas e conceituadas da Beira-Alta: era um dos doze irmãos dum venerando casal beirão, dos quais três ainda vivem — uma irmã, com 80 anos, o Cónego Simão, com 87, e o sr. Francisco José Simão, com 89.

Enviuvara há muito o saudoso extinto, que era pai do nosso amigo Alberto Dias Simão Leal, marido da sr.ª D. Maria das Dores Migueis de Matos; e, entre cerca dos seus sessenta sobrinhos, conta-se o nosso distinto colaborador prof. José Duarte Simão, casado com a sr.ª D. Maria da Luz Carvalho Simão.

À família em luto os pêsames do Litoral

cartões de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 31 — *A sr.ª D. Conceição Coelho Vera-Cruz, esposa do sr. José Maria da Silva Vera-Cruz, e os srs. José Conde de Carvalho, João Gomes Canelas e António Adérito Brás Coelho da Silva.*

Amanhã, 1 — *As sr.as D. Maria Silvina Monteiro Simaria, prof.ª D. Norbinda de Melo Picado e D. Maria Filomena Sobreiro Vidal.*

Em 2 — *A sr.ª D. Rosária Caldeira Brás Leite Pais, esposa do sr. Manuel Ferreira Leite Pais, o sr. António Gonçalves Andias, e as meninas Maria Fernanda, filha do sr. Horácio Oliveira das Neves, e Maria de Fátima, filha do sr. José de Jesus Carvalho.*

Em 3 — *As sr.as D. Maria Luísa do Resgate Marques França Mendes, esposa do sr. Carlos Marques Mendes, D. Maria Isabel Freire Leite, esposa do sr. Henrique Jorge Cândido Marques Figueiredo de Almeida, e D. Maria Fernanda Contente, esposa do sr. António Pimentel Monteiro, os srs. Fernando da Ascensão Soares e António José Vagos da Silva Justiça, e as meninas Maria Isabel, filha do sr. Albino Roque, e Maria Fernanda, filha do sr. Capitão José Barata Freire de Lima.*

Em 4 — *A sr.ª D. Maria da Purificação Maia Casimiro, esposa do sr. Agnelo Casimiro da Silva, os srs. Joaquim Humberto Gamelas Costa e João Manuel Martins de Melo, a menina Maria Isabel, filha do sr. Diamantino Vieira Caniço, e o menino António Emanuel, filho do sr. Emílio da Silva Campos.*

Em 5 — *Os srs. Eduardo Cerqueira e Joaquim José Leiria.*

Em 6 — *As sr.as D. Maria Alice de Morais Sarmento, esposa do sr. Fernando Gamelas Matias, e D. Anadápia da Apresentação de Jesus Gonçalves, os srs. Luís Ferreira da Graça, Humberto Jorge Mendes Leal, José Manuel Vicente da Silva Freire e Coronel Américo Reboredo de Sampaio, e as meninas Maria da Luz Duarte de Oliveira e Rosa Orquídia, filha do sr. João dos Santos Baptista.*

ZÉ PENICHEIRO

Seguiu para Paris, onde vai executar a decoração dos stands da representação nacional de calçado na «Semaine International du Cuir», o nosso dedicado amigo e apreciado colaborador artístico Zé Penicheiro.

DE FÉRIAS

● *Do Algarve, onde estiveram em gozo de merecidas férias, regressaram já a Aveiro, onde residem, a sr.ª Dr.ª Maria Natércia Bentes Grade Duarte Rodrigues e seu marido o advogado nesta comarca sr. Dr. Ilídio Duarte Rodrigues.*

● *Na Albufeira encontra-se, com sua família, o ilustre causídico aveirense sr. Dr. Álvaro Neves.*

● *Está presentemente a descansar em Aveiro, sua terra natal, o nosso amigo José Maria Saraiva da Fonseca, funcionário corporativo, em serviço na capital, e distinto tenor.*

DOENTES

● *Esteve em tratamento, no Hospital de Santa Joana Princesa, o nosso bom amigo sr. António Luís Morais da Cunha, Director do «Teatro Aveirense» e sócio-gerente da firma Alberto Rosa, L.da, agora em franca convalescença.*

● *Tem sentido boas melhoras dos seus padecimentos o sr. Henrique Manuel Pinho Mendes Nunes da Silva, de Cacia.*

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento

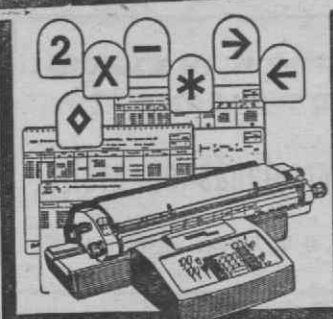
CURSOS DE FÉRIAS

DE APTIDÃO PROFISSIONAL

CURSOS ABSOLUTAMENTE MODERNOS, QUE LHES FACULTAM UMA APRENDIZAGEM SEGURA E ACTUALIZADA

30 dias — DACTILOGRAFIA
40 dias — CONTABILIDADE
CONTABILIDADE MECÂNICA e
CONTABILIDADE por DECALQUE

O SEU FUTURO ASSEGURADO
OPERADOR(A) MECANOGRÁFICO

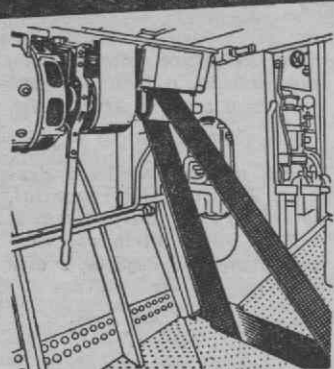
EFICEX KIENZLE

ESCOLA DE DACTILOGRAFIA DA **MECANOGRÁFICA**

RUA GUSTAVO FERREIRA PINTO BASTO, 2 - TELEFONE 22883 - AVEIRO

Triunfo

REBUÇADOS
DROPS
CARAMELOS

DEIXAM SAUDADES NO PALADAR

...porque se emprega mesmo na Construção Naval...

A correia *SIEGLING* é composta de **couro autêntico e plástico.**

Da associação destes dois materiais, patente *SIEGLING*, resulta a correia de **uma só faixa** tractora que:

- **Oferece** máxima segurança
- **Exige** mínimo espaço entre eixos

Assim, na Construção Naval e noutras indústrias, a correia *SIEGLING* representa o expoente dum **novo órgão de transmissão,** porque:

- É inextensível
- Não é afectada por óleos ou água salgada
- Dispensa rolete tensor
- Conserva a sua elevada aderência
- Vulcaniza-se, sem fim, também no local de funcionamento
- Marcha silenciosamente

– Peça os nossos prospectos ilustrados
– Solicite a visita dum nosso técnico

ENG.º GUSTAVO CUDELL
PORTO — Rua do Bolhão, 157
LISBOA-1 — R. de Passos Manuel, 69-A

ACEITAM-SE AGENTES

Carros usados

Merc. Benz 220 S	1957
Mercedes Benz 190Dc	1962
Merc. Benz 180	1958
Opel Kapitan	1960
Opel Olímpia	1962
Lância Fulvia	1963
Cortina	1963
Taunus 12 M	1964
Auto-Union 1 000	1958
Citroen Ami	1962
Renault Dauphine	1958
Simca Grand Large	1956
Austin J-2 (furgon)	1965
M. Benz L338 (camion)	1961

Revistos. Facilidades de Pagamento

A. C. Ria, L.da
Telef. 24041/4 AVEIRO

Aulas de Inglês

Individuais ou em grupo. Informa: Arides Pires, Rua Direita, 90 — Aveiro, telefone 22549.

Aluga-se

Casa para estabelecimento nos arredores de Aveiro. Informa-se pelo telef. 23862.

Ministério da Economia
Secretaria de Estado de Indústria
Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

Eu, ARTUR MESQUITA, Engenheiro-Chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis, faço saber que a firma CUNHA, GONÇALVES & MARTINHO, L.DA, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de «thick-fuel-oil», com a capacidade aproximada de 20 000 litros, sita na Rua do Abreu, freguesia de Aradas, concelho e distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto número 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do decreto número 36 270 de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto número 29.034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Delegação, sita na Rua do Padre Cruz, n.º 62, no Porto.

Porto, 17 de Agosto de 1968

O Engenheiro-Chefe da Delegação,

Artur Mesquita

Litoral — Ano XIV — 31 - 8 - 68 — N.º 721

Vende-se

Um prédio, sito no lugar de Santiago, que foi pertença de António Martins (João da Branca). Tratar com Maria da Conceição Bastos, Rua Manuel Luís Nogueira, 55 — Aveiro.

Prédio - Vende-se

— com duas frentes: para a Rua do Dr. Barbosa de Magalhães (Rossio) e Rua Trindade Coelho.

Tratar no mesmo prédio todos os dias úteis, das 9 às 14 horas.

Trespassa-se

Estabelecimento de mercearia, casa de pasto e vinhos, bem afreguesada, na Rua de José Rabumba, 36-38, em Aveiro.

Oferece-se

Rapaz com a secção P. I. e correspondência do 5.º Ano Liceal, deseja emprego. Respostas a esta Redacção, ao n.º 63.

SEISDEDOS MACHADO
ADVOGADO
Travessa do Governo Civil, 4-1.º-Esq.º
— AVEIRO —

PRECISA-SE

Empregado de Escritório

Para facturação e correspondência.

Respostas ao Apartado 27, Águeda.

Mobílias

Completas e avulso, vendem-se, a preços módicos. Tratar na antiga Casa de Móveis de Manuel Maria Leitão, na Rua Tenente Resende — Aveiro.

A legendária precisão OMEGA ao serviço de todos os desportos. Três relógios modernos em que àquela precisão se juntam a robustez e a longa duração.

AGÊNCIA OFICIAL

Ourivesaria Matias & Irmão

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 78
Telef. 22429
AVEIRO

Jóias de valor. Lindos Artigos de ouro pratas de estilo e relógios OMEGA

Com cada relógio OMEGA é entregue um certificado que assegura a assistência técnica permanente em 163 países, e sempre com peças de origem.

Continuações da última página

VIII Cruzeiro da Ria de Aveiro

Miguel Milheiro — todos do Clube de Vela Atlântico.

SNIPES

1.ª Regata — 1.os — Cerveira Pinto e Elisabeth Eifele: 2.os — Jean Pierre e Joaquim Sarmento. 3.os — Eng.º Mário Moreira e Eng. Paranhos. 4.os — Vitor Almeida e António Fidalgo. 5.os — João Borges e Carlos Borges. 6.os — António Aguiar e Pompílio Souto. 7.os — Rui Pais e Carlos Pedro. 8.os — António Cunha Martins e Manuel Cunha Martins. 9.os — Afonso Temudo e António Vieira. 10.os — Manuel Freire e Liberato Almeida. 11.os — Salvador Teixeira Pinto e Francisco Tavares.

2.ª Regata — 1.os — Cerveira Pinto e Elisabeth Eifele. 2.os — António Aguiar e Pompílio Souto. 3.os — João Borges e Carlos Borges. 4.os — Vítor Almeida e António Fidalgo. 5.os — Eng.º Mário Moreira e Eng.º Paranhos. 6.os — Jean Pierre e Joaquim Sarmento. 7.os — Rui Pais e Carlos Pedro. 8.os — António Cunha Martins e Manuel Cunha Martins. 9.os — Afonso Temudo e António Vieira. 10.os — Salvador Teixeira Pinto e Francisco Tavares. 11.os — Manuel Freire e Liberato Almeida.

FINAL — 1.os — Cerveira Pinto e Elisabeth Eifele, C. Vela Atlântico. 2.os — Jean Pierre e Joaquim Sarmento, Ovarense. 3.os — Eng.º Mário Moreira e Eng.º Paranhos, C. Vela Atlântico. 4.os — Vítor Almeida e António Fidalgo, Ovarense. 5.os — João Borges e Carlos Borges, Ovarense. 6.os — António Aguiar e Pompílio Souto, Ovarense. 7.os — Rui Pais e Carlos Pedro, C. Vela Atlântico. 8.os — António Cunha Martins e Manuel Cunha Martins, M. P. da Murtosa. 9.os — Afonso Temudo e António Vieira, Ovarense. 10.os — Salvador Teixeira Pinto e Francisco Tavares, Ovarense. 11.os — Manuel Freire e Liberato Almeida, Ovarense.

SHARPIES

1.ª Regata — 1.os Afonso Santos e Helena Santos. 2.os — Pinto da Costa e Eng.º Abel Barbosa. 3.os — Eng.º Rogério Rodrigues e José Viana. 4.os — Filipe Fonseca e Fernando Ramires. 5.os — Fernando Alçada e Armando Ferreira. 6.os — José Rodrigues e Armando Tinoco. 7.os — Júlio Eça Baptista e Ângelo Eça Baptista.

2.ª Regata — 1.os — Afonso Santos e Helena Santos. 2.os — Pinto da Costa e Eng.º Abel Barbosa. 3.os — Fernando Alçada e Armando Ferreira. 4.os — Eng.º Rogério Rodrigues e José Viana. 5.os — José Rodrigues e Armando Tinoco. 6.os — Filipe Fonseca e Fernando Ramires. 7.os — Júlio Eça Baptista e Ângelo Eça Baptista.

FINAL — 1.os — Afonso Santos e Helena Santos, Brigada Naval. 2.os — Pinto da Costa e Eng.º Abel Barbosa, C. Vela Atlântico. 3.os — Eng.º Rogério Rodrigues e José Viana, C. Vela Atlântico. 4.os — Fernando Alçada e Armando Ferreira, Ovarense. 5.os — Filipe Fonseca e Fernando Ramires, Ovarense. 6.os — José Rodrigues e Armando Tinoco, Ovarense. 7.os — Júlio Eça Baptista e Ângelo Eça Baptista, Ovarense.

FLYNG J.OR

1.os (únicos concorrentes) — Eng.º João Manuel Senos da Fonseca e Maria Isilda Fonseca, Sporting de Aveiro.

VOUGAS

1.ª Regata — 1.os Mário Júlio, Batel e Ricardo Campos. 2.os — António Oliveira e Abel Alves. 3.os — Francisco Alçada e Dr. Abel Godinho.

2.ª Regata — 1.os — Mário Júlio, Batel e Ricardo Campos. 2.os — António Oliveira e Abel Alves. 3.os — Francisco Alçada e Dr. Abel Godinho.

FINAL — 1.os — Mário Júlio, Batel e Ricardo Campos, C. Naval de Aveiro. 2.os — António Oliveira e Abel Alves, Ovarense. 3.os — Francisco Alçada e Dr. Abel Godinho, Ovarense.

PEQUENO CRUZEIRO

1.ª Regata — 1.os — António Costa Marques, Américo Oliveira e Isidro Santos. 2.os — Abílio Vieira e José Silva.

2.ª Regata — 1.os — António Costa Marques, Américo Oliveira e Isidro Santos. 2.os — Abílio Vieira e José Silva.

FINAL — 1.os — António Costa Marques, Américo Oliveira e Isidro Santos, Ovarense. 2.os — Abílio Vieira e José Silva, Ovarense.

Xadrez de Notícias

O Clube do Povo de Esgueira tem em actividade, em treinos, mais de uma centena de atletas das suas várias equipas de basquetebol.

Recentemente, os esgueirenses inauguraram consideráveis melhoramentos nos balneários do Campo da Alameda.

FUTEBOL

bém, pelas suas tradições na prova.

As incidências de luta são de prognóstico falível. Não podemos, portanto, adivinhar o que irá passar-se. Lembramos, no entanto, que ninguém poderá admirar-se se um qualquer concorrente dos menos falados vier a emergir e a impor-se aos consagrados... pois não será caso virgem.

Palpita-nos, porém, que a luta, na II Divisão — Zona Norte, irá ser renhida e sem tréguas e que o Beira-Mar terá capacidade de sobra para discutir a posse do desejado ceptro com os mais qualificados competidores — entre eles se apontando o Tirsense (por certo desejoso de regressar à I Divisão), o Torres Novas (vice-campeão nortenho da época finda), o Salgueiros (com equipa consideràvelmente remodelada) e, talvez, o Académico de Viseu (turma que, de há muito , acalenta o «sonho» da divisão maior).

Aguardemos, pois. Ambicionando ver o Beira-Mar subir de novo ao podium, desejando ardentemente que os auri-negros cheguem à «meta» final com a coroa de louros do triunfo, já ficávamos enormemente satisfeitos se a equipa começasse por ganhar a inteira confiança dos seus adeptos.

E isto, sim, podemos exigir dos jogadores: aplicação, interesse na luta, desportivismo total — tanto nas horas boas, como nas horas menos felizes. Se os atletas forem briosos; se denotarem pundonor, dentro e fora das quatro linhas dos rectângulos; se souberem respeitar os seus antagonistas e honrar-se, honrando as gloriosas cores do Clube que representam — terão conquistado um precioso triunfo: ganharão a total confiança e apoio incondicional do público de Aveiro, que estremece o seu Beira-Marzinho!

E este será um triunfo com que jogará com certeza de vitória garantida, mais apetecida ainda do que os triunfos numéricos...

Feliz campanha, Beira-Mar, são os nossos votos.

●

Dentre os vários desafios amistosos marcados para amanhã, salientamos três, de particular interesse:

■ *ALBA — BEIRA-MAR — Jogo em Alberaria-a-Velha, integrado nas condições de ingresso do «stopper» beiramarense Evaristo no grupo albergariense.*

As duas turmas apresentarão os seus novos elementos: Pais, Evaristo e Gaio — o Alba; Bernardino, Amaral e Eduardo — o Beira-Mar.

■ *Em Arcozelo e em Viseu, disputam-se os jogos LAMAS — ESPINHO e ACADÉMICO — VALECAMBRENSE.*

O comportamento dos «caloiros» na capital da Beira-Alta, reveste-se de curiosidade muito compreensível, até porque eles serão, oito dias volvidos, os primeiros anfitriões do Beira-Mar, em jogo já a sério...

O outro encontro resulta de uma cláusula da transferência de Artur (ex-Arcozelo) para o Espinho.

Jardim Zoológico de Lisboa

Estamos em pleno tempo de férias — que muitos aproveitam para uma visita a Lisboa. E a ida a Lisboa implica, sem sombra de dúvida, a visita do Zoo, ou não fosse o Zoo de Lisboa o mais belo Jardim Zoológico da Europa e uma autêntica maravilha da cidade.

Sucedem-se, de resto, de ano para ano, as transformações espectaculares, nascidas de novas grandes instalações.

Há dois anos, foi a inauguração da Casa dos Hipopótamos e do Recinto das Zebras.

No ano passado, foi o Palácio dos Répteis e a Casa dos Gorilas, duas realizações de grande estilo.

Este ano, inauguradas precisamente em Julho, três grandes novidades: a Casa dos Tigres, a Cabana dos Leopardos Caçadores (Chitas) e a instalação da Panda (ave de rara presença nos Zoos).

Como sempre, o arquitecto Raul Lino foi o grande artista realizador destas novas maravilhas. A Casa dos Tigres, de grandes proporções, encimada por uma dúzia de sois revestidos de oiro — só por si vale a visita às Laranjeiras. Fica sendo uma das grandes instalações do Zoo de Lisboa. Provisòriamente, povoado com meia dúzia de leopardos (que lhe dão grande realce) espera-se para breve a vinda de quatro tigres da Sibéria.

A Cabana dos Leopardos Caçadores (Chitas ou Guépards) é um verdadeiro achado com a sua «Casa vestida de palhaço» como a classificou espirituosamente o próprio autor... O casal dos seus revoltos habitantes — vai despertar legítima curiosidade. Por sua vez, a Panda, ave de belo porte e espécie rara, passou a ter uma intalação vistosíssima, de todo o ponto condigno e de mercante originalidade.

O Grande Roseiral de Lisboa (roseiral de quatro mil roseiras e cem mil rosas) ainda se apresenta florido e vistoso.

Tudo concorre, de resto, para dar notória categoria ao Jardim Zoológico de Lisboa. Começa pelo famoso parque de Farrobo, onde soube instalar-se. Por sua vez, o Jardim continua a ostentar o abundante, o maravilhoso rol das suas instalações e aprazíveis recantos. Assim, o Jardim dos Pequeninos (e as suas trinta maravilhas); o Solar dos Leões; a Esplanada e a Ilha dos Ursos; a Aldeia, o Ginásio e a Tenda dos Macacos ;os Palácios dos Chimpanzés e das Araras; o Cercado das Girafas; o Cerrado dos Elefantes; o Hotel e o Cemitério dos Cães; o Monte dos Antílopes e a sua grande instalação radial; os Aviários; dois formosíssimos Recintos dos Flamingos; a Casa dos Rinocerontes; o Grande Lago das Focas os novos e espectaculares recintos dos Hipopótamos e das Zebras, etc.

Abundam, por sua vez, os grandes motivos de aprazimento e interesse: além do «Grande Roseiral de Lisboa», o Lago do Farrobo, fartamente navegado; a Escadaria Monumental encimada pelo Monte dos Veados e sobranceira ao outro grande Lago dos velhos tempos das Laranjeiras; os pavilhões recreativos (espelhos deformantes, biblioteca, combóio eléctrico, casa de jogos); a Escola de Trânsito Automobilístico, montada pela «Mobil», os três restaurantes e as esplanadas (da Mata, do Lago e do Jardim dos Pequeninos) — todo o mundo de diversões e encantamento.

Último pormenor a salientar: pode dizer-se que, no ano corrente, não houve recanto onde não incidisse o cuidado de o valorizar.

Entre as maravilhas da cidade de Lisboa, há um lugar cimeiro para o seu Jardim Zoológico. Quem vai a Lisboa não deixa de o ver. E tem, plenamente, razão.

AÍ TEMOS A NOVA ÉPOCA DE

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

AMANHÃ:

JOGOS AMISTOSOS

ACABADO o período de defeso regulamentar (para jogos entre equipas nacionais dentro da Metrópole — já que a «fuga» dos prélios com clubes estrangeiros, as digressões ao Ultramar e os torneios internacionais «furaram», como se sabe, o que estava anteriormente determinado), principia amanhã, 1 de Setembro, a nova época oficial de futebol.

Haverá apenas um domingo livre — justamente amanhã — para encontros particulares, em que as equipas, em jeito de ensaio, procuram afinar os seus conjuntos. Depois, no dia 8, será o início dos campeonatos, em luta que durará vinte e seis jornadas — na I e II divisões — , e na qual Aveiro tem envolvidos quatro representantes: a Sanjoanense, que galhardamente se conservou no escalão máximo e este ano parece disposta a dar que falar; o Beira-Mar, o Espinho e o «caloiro» Valecambrense — todos no «pelotão» da prova secundária.

A seguir, no dia 15 — se entretanto não vier a ser alterado o figurino proposto para a prova — começará a III Divisão, em que o nosso Distrito terá quatro equipas: Feirense, Lamas, Lusitânia e Oliveirense.

Fazendo votos pelo melhor comportamento possível dos clubes de Aveiro, em todos os escalões, augurando-lhes uma época recheada de êxitos, impõe-se-nos, compreensivelmente, uma palavra especial, em relação ao nosso Beira-Mar.

A equipa beiramarense — mesmo sem ter entrado na primeira linha das transferências, o que terá, de certo modo, decepcionado alguns adeptos desejosos de sensacionalismos — é apontada no número das favoritas ao triunfo final. O Beira-Mar é respeitado, pelo valor que se lhe adivinha para o seu novo «plantel» e, tam-

Continua na página sete

BASQUETEBOL

modalidade em foco

Na passada quarta-feira, realizou-se uma Assembleia Geral da Associação de Basquetebol de Aveiro, que, em sessão extraordinária, fora convocada para tomar conhecimento de palpitantes problemas relativos com a modalidade. Entre os assuntos tratados contam-se o novo Regulamento das Provas da Federação — em seniores (masculinos) Aveiro e Faro ficaram sem qualquer representante no torneio máximo ! — e uma determinação da Direcção Geral dos Desportos, sobre os torneios Regionais de Iniciados.

Foram ainda distribuídos, aos clubes e a jogadores, troféus respeitantes às épocas de 1965-1966, 1966-1967 e 1967-1968.

Da importante reunião magna do Basquetebol Aveirense daremos notícia mais pormenorizada na próxima semana.

HÓQUEI EM PATINS

PORTO — LISBOA no Pavilhão de Ílhavo

A Associação de Patinagem do Porto já respondeu afirmativamente ao convite que a Associação de Patinagem de Aveiro lhe fez para a realização dum encontro PORTO — LISBOA, em hóquei em patins, no Pavilhão de Desportos de Ílhavo.

O desafio efectua-se em Outubro próximo, em data a designar, substituindo o projectado Torneio do Outono, caso a Associação de Patinagem de Lisboa aceite igualmente o convite que lhe foi endereçado.

GALITOS — NUN'ALVARES

Amanhã, pelas 18 horas, no Rinque da Costa Nova, realiza-se um encontro particular de propaganda da modalidade, promovido pela Associação de Patinagem de Aveiro.

Serão adversários o Nun'Álvares, da II Divisão do Porto, e o Clube dos Galitos.

I TORNEIO DO OUTONO DA BARRA

Está em princípio marcado para 12 de Outubro o início do I Torneio do Outono da Praia da Barra — uma prova de ténis aberta a amadores.

Oportunamente, daremos notícia dos prémios em disputa e da abertura das inscrições.

TÉNIS

Regata com tradições

40 BARCOS — DE 7 CLUBES — NA «MARATONA» VÉLICA AVEIRENSE

DANDO enorme animação e colorido às águas da nossa incomparável — e tão inaproveitada — laguna, disputou-se, no sábado e domingo, em duas jornadas iniciadas em Ovar e Aveiro, respectivamente, o VIII Cruzeiro da Ria de Aveiro. A competição, uma regata já com tradições no calendário da Vela em Portugal, voltou a ser organizada pela Secção Náutica da prestigiosa Associação Desportiva Ovarense, uma vez mais credora dos melhores elogios pelo brilhantismo alcançado.

A «maratona» vélica aveirense reuniu a presença de quatro dezenas de barcos de várias classes, representando as seguintes colectividades: Associação Desportiva Ovarense, Brigada Naval de Lisboa, Clube Naval de Aveiro, Clube de Vela Atlântico, Mocidade Portuguesa da Murtosa, Sport Clube do Porto e Sporting Clube de Aveiro.

No sábado, a primeira etapa iniciou-se no Carregal e terminou nas Pirâmides, num percurso de 16 milhas; no domingo, a prova principiou em S. Jacinto e concluiu-se no Areinho, numa extensão de 14 milhas. Houve bons despiques, nos dois dias, apurando-se as classificações que adiante indicamos, dentro de cada classe de barcos:

MOTHS

1.ª Regata — 1.º — Helder Guimarães. 2.º — Alberto Duarte. 3.º — Ermelindo Fonseca. 4.º — Carlos Feijão. 5.º — António Coelho.

2.ª Regata — 1.º — Ermelindo Fonseca. 2.º — Helder Guimarães. 3.º — Alberto Duarte. 4.º — António Coelho. 5.º — Carlos Feijão.

FINAL — 1.º — Helder Guimarães, Clube Naval de Aveiro. 2.º — Ermelindo Fonseca, Ovarense. 3.º — Alberto Duarte, Ovarense. 4.º — Carlos Feijão, Ovarense. 5.º — António Coelho, Ovarense.

ANDORINHAS

1.ª Regata — 1.ºs — José Silva e José Rafael. 2.ºs — Anthony Brown e Alison Brown. 3.ºs — António Pinho e Jorge Brandão. 4.ºs — Mário Bonifácio e Lúcia Bonifácio. 5.ºs — Jorge Seabra e Guilherme Pinto Basto. 6.ºs — Mário Rothes e Alberto Costa.

2.ª Regata — 1.ºs — José Silva e José Rafael. 2.ºs — Anthony Brown e Alison Brown. 3.ºs — Mário Bonifácio e Lúcia Bonifácio. 4.ºs — Jorge Seabra e Guilherme Pinto Basto. 5.ºs — António Pinho e Jorge Brandão. 6.ºs — Mário Rothes e Alberto Costa.

FINAL — 1.ºs — José Silva e José Rafael, Ovarense. 2.ºs — Anthony Brown e Alison Brown, C. Vela Atlântico. 3.ºs — Mário Bonifácio e Lúcia Bonifácio, Ovarense. 4.ºs — António Pinho e Jorge Brandão, Ovarense. 5.ºs — Jorge Seabra e Guilherme Pinto Basto, C. Naval de Aveiro. 6.ºs — Mário Rothes e Alberto Costa, Ovarense.

VAURIEN

1.ª Regata — 1.ºs — António Roquete e Maria Manuela Roquete. 2.ºs — Wlanf Barustop e Mário Tavares. 3.ºs — Carlos Colares Alves e Moreira da Silva. 4.ºs — Carlos Milheiro e Miguel Milheiro.

2.ª Regata — 1.ºs — Wlanf Barustof e Mário Tavares. 2.ºs — António Roquete e Maria Manuela Roquete. 3.ºs — Carlos Colares Alves e Moreira da Silva. 4.ºs — Carlos Milheiro e Miguel Milheiro.

FINAL — 1.ºs — António Roquete e Maria Manuela Roquete. 2.ºs — Wlanf Barustop e Mário Tavares. 3.ºs — Carlos Colares Alves e Moreira da Silva 4.ºs — Carlos Milheiro e

Continua na página sete

XADREZ de NOTÍCIAS

Rescindindo amigàvelmente o contrato com o Beira-Mar, o futebolista Brandão assinou pelo Ala-Arriba, de Mira, como jogador-treinador, pelo período de duas épocas.

No Campo de S. Brás, na Quinta do Gato, em desafio amistoso realizado no passado domingo, entre equipas «populares», o Futebol Clube da Presa derrotou por 4-2 o Futebol Clube da Palhaça, com 2-1 ao intervalo.

Na turma vencedora, alinharam e marcaram : Calisto ; Domingos, Martins, Armando e Machado ; José Maria e Jorge ; Vitor (2), Mano (1), Padeiro (1) e Novo.

Nos Campeonatos Nacionais Corporativos de Atletismo, realizados em S. João da Madeira no sábado e domingo, os atletas de equipas aveirenses melhor classificados foram :

I Categoria — Óscar Silva, da «Molaflex», vencedor dos 1 500 e dos 5 000 metros ; Carlos Pinto, Eduardo Almeida, Nuno Andrade e Joaquim Brito, da estafeta de 4 x 100 metros, da «Oliva», classificada em 3.º lugar ; Dulcínio Moutinho (2.º) e Estanislau Tavares (3.º), ambos da «Oliva», no lançamento do peso.

II Categoria — José Matos Cunha, dos Estaleiros S. Jacinto, 3.º nos 5 000 metros ; Abílio Jesus, Dionísio Andrade, Venceslau Silva e António Oliveira, da estafeta de 4 x 400 metros, da «Molaflex», classificada em 3.º lugar ; e António Rasteiro, do «Amonaco», com dois 3.ºs lugares, nos saltos em altura e comprimento.

O beiramarense João Morais ficou aprovado no exame de aptidão à Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, que passará a cursar como aluno voluntário. Um êxito que registamos, com uma renovada palavra de parabéns ao conhecido futebolista-estudante do Beira-Mar.

O futebolista Bouçon desligou-se do Sporting de Espinho, ingressando, como treinador-jogador no Crestuma, da Associação de Futebol do Porto.

Continua na página sete

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 1 DO «TOTOBOLA»

8 de Setembro de 1968

N.º	CLUBES	1	x	2
1	Benfica - Belenene.	1		
2	Académica - Setub.	1		
3	C. U. F. - Sanjoane	1		
4	Guimarã. - Leixões	1		
5	U. Tomar - Atlético	1		
6	Espinho - Covilhã	1		
7	Leça - A. de Viseu	1		
8	Valeca. - Beira-Mar			2
9	Gouveia - Salgueir.			2
10	Boavista - T. Novas	1		
11	Seixal Barreirense			2
12	Sesimbra - Lusitan.		x	
13	Leões - Oriental	1		

AVEIRO, 31 DE AGOSTO DE 1968 — ANO XIV
NÚMERO 721 — AVENÇA